

TAUNAY VIAJANTE: DAS ANOTAÇÕES DE CAMPO À FICÇÃO

Olga Maria Castrillon-Mendes*

Neste Simpósio, que busca discutir as variadas vertentes da literatura de viagem, procuro refletir sobre a figura do viajante atípico e a produção literária de Alfredo Taunay, Visconde de Taunay, tendo por base as anotações de viagem.

Taunay, um carioca de estirpe francesa, esteve em Mato Grosso por ocasião da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-70). A partir dessa experiência fez-se um viajante-pesquisador dos elementos naturais e da sociedade do interior brasileiro. Um escritor que, pode-se dizer, transformou-se em contato com a vida – simbolizada na exuberância da natureza e dos costumes do sertão – e com a morte – marcada em cada passo da coluna militar contra os paraguaios esta, consequência dos atos políticos gestados pelo Império brasileiro à época de D. Pedro II.

Nessa moldura que contorna o quadro do conjunto de sua produção intelectual, a viagem é símbolo do movimento de interiorização do Brasil e dos ideários monárquicos e a literatura, resultado desse deslocamento de homens e de idéias. Trataremos, então, de um escritor-viajante e da relação entre obras como o *Relatório Geral da Comissão de Engenheiros* (1867), diário oficial do itinerário da viagem do Rio de Janeiro ao Coxim, e duas produções posteriores *Scenas de Viagem* (1868) e *A Retirada da Laguna* (1868), esta considerada uma das mais esmeradas elaborações literárias sobre o conflito, nas fronteiras do Brasil com o Paraguai.

O que essas obras têm em comum e de que maneira as anotações colhidas no cenário da guerra, nas intempéries da viagem, serviram de base para a ficção?

Entre o *Relatório da Comissão* e *Scenas de viagem* há fortes vinculações. Redigido durante o percurso para Mato Grosso (1865) o relato encontra-se dividido em dois itinerários: do Rio de Janeiro a Coxim e do rio Taquari a Miranda,

* Professora de Literatura do Departamento de Letras da UNEMAT/Cáceres. Doutoranda em Teoria e História Literária/UNICAMP.

localidades hoje pertencentes ao Estado de Mato Grosso do Sul. Interessa-nos, neste estudo, o segundo percurso de *adentramento* à região hoje conhecida por *Pantanal*, “uma imensa planície inundável situada no interior da América do Sul [...] transformada em terras pertencentes à coroa espanhola pelo Tratado de Tordesilhas, no final do século XV” (COSTA, 1999, p. 17). Nessas terras alagadas na maior parte do ano “perto de três mil homens se achavam insulados n’um ponto firme, cercado por pantanaes intransitaveis, por extensos areaes de penoso transito, ficando-lhe um território immenso e inculto, que se estende ao longo das margens do rio Paraguay” (*Relatório*, p. 256).

Em sua totalidade, o estilo do Relatório é oficial, mas a presença das notas que aparecem na edição reimpressa pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro¹ e revista pelo autor, dá ao Relato oficial uma abrangência significativa pelos ingredientes informativos, críticos e, principalmente, pelo que considero *desvios oficiais*. Pelos *desvios* é possível perceber os detalhes particulares feitos pelo autor e servem, não só para ampliar a compreensão dos dados, mas para marcar, pausadamente, as impressões e sensações que aqueles fatos deixaram na memória do viajante. Essa memória é “indicadora do movimento de determinado grupo que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais” (POLLAK, 1989, p. 3).

A obra *Scenas de viagem*, composta de onze capítulos, condensa a memória descritiva da exploração de uma trilha que “seguindo a base da Serra de Maracaju, permitisse, pelo desvio dos pantanaes, a passagem até o rio Aquidauana” (op. cit., p. 10). Era o local por onde os paraguaios fugiam com poucas dificuldades e, por caminhos similares, os brasileiros haveriam de consolidar o projeto imperial e salvar a expedição militar do extermínio eminente. Aqui, não há o registro diário da caminhada, mas “notas minuciosas” de interesse geral, todas muito bem coordenadas, “de modo que formassem com pouco custo um trabalho simples e despido de pretensões, porém de alguma vantagem para

¹ A primeira publicação do *Relatório Geral da Comissão de Engenheiros junto as forças em expedição para a Província de Mato Grosso* é de 1867, como anexo ao Relatório do Ministério da Guerra.

novos e mais habilitados exploradores, fornecendo-lhes apenas uma base para futuros desenvolvimentos” (op. cit., Prefácio).

O caráter simplista que quis imprimir, não desmerece a oficialidade científica. No entanto, o estilo geral é de uma linguagem plástica de acentuada imprevisibilidade, pois os capítulos são quadros (cenas) que representam o duplo espetáculo do olhar: da viagem e da natureza, montados como fotogramas em movimento cinematográfico, fruto da experiência do olhar. São onze cenas, correspondentes aos onze capítulos da obra. Cito algumas:

1). Cenas dos acampamentos à beira dos rios e a visão do pantanal “n’uma extensão importantíssima, um imenso terreno alagado d’onde surgem, de quando em quando, alguns pontos firmes, devidos às ondulações dos campos” (op. cit., p. 10). Ladeando a descrição das águas a vegetação é “abundante e luxuriante” (idem, p. 11), contrapondo-se ao estado dos soldados “sem abrigo, semi-nús, suportarão a inclemencia do tempo, junto a um fogo extinto que provavelmente os aquecia intencionalmente” (idem, p. 14). À insalubridade do clima a viva lembrança de que a estação era a das águas, não mais como sinal de bênção, mas de maldição “malditas águas!”, a expressão de maior desabafo do viajante (idem, p. 22). Pelas águas eram tragados, mas seus cursos ofereciam grandiosos espetáculos transformados em paisagem pelo pincel e pela pena de Taunay.

2). Cenas da natureza, que se refaz após as chuvas: “ao longe resplandecção de novo verdor os prados” (idem, p. 23), mas a “qualidade oficial” não permitia, ao viajante deleitar-se com a paisagem, tanto pela urgência da marcha, como pelas dificuldades, quando “os pontos encharcados vão-se tornando mais freqüentes” (p. 24) e as incertezas da missão e a falta de guia expunha o grupo à explorações penosas “e sobretudo infrutíferas” (p. 34).

3). Cenas da “missão” de grande responsabilidade, “mas cuja boa execução principalmente dependia de meios, que não nos tinham sido ministrados” (p. 35).

4). Cenas da flora, da fauna e dos “vivos do pantanal” (p. 54) que se encontram “em ralação com o seu *facies* tristonho”, construindo um “lugar curioso” (p. 55) de reunião das espécies.

- 5). Cenas das crises, da inanição do povo e da “indolencia”: “existe nos campos d’aquella provincia, uma população *sui generis*, meramente entregue á criação de gado, com habitos arraigados, que a inhabilitão para qualquer outro trabalho” (p. 60).
- 6). Cenas da guerra, do trabalho das mulheres na comitiva e da relação com os índios, fato este que o narrador promete estudos mais detalhados.
- 7). Cenas da paisagem, em que Taunay transforma a exploração do rio Aquidauana em ícone da natureza mato-grossense “o mais bello rio caudal, que se encontra em todo o districto de Miranda: as mais lindas paizagens se formão em seu correr; as mais animadas scenas se achão em suas vizinhanças” (p. 89). A descrição do rio Aquidauana, o ponto mais alto da paisagem mato-grossense para Taunay, aparece em sua obra *Céus e Terras do Brasil* (p. 76-78), mas não é uma repetição e sim reelaboração das anotações aqui registradas.
- 8). Cenas das ruínas causadas pela guerra, lugar em que mais fortemente se vê a relação civilizaçãoXbarbárie: “assim pois, perigos nos cercavão sem a protecção conveniente para os casos de aperto: continuar, fòra temeridade improficua; prosseguir, passo inconsiderado” (p. 105).
- 9). Cenas do fim da missão e encaminhamento dos desenhos e relatórios ao comando acampado no rio Negro: “Á nossa penna, além d’isso, faltão precisa energia, as cores vivas para descrever tão extremas necessidades, a força e entusiasmo para traçar a abnegação, o heroísmo e resignação que, n’aquelles momentos, patenteou o nobre soldado brasileiro” (p. 108).

No conjunto plástico, a obra resume imagens que representam parte de uma geografia necessária para consolidar o projeto monárquico de dilatação e manutenção de fronteiras internas passíveis de serem *civilizadas*. Nesse propósito, o escritor se comporta, ora como oficial, ora como poeta. Amalgamado pelos dois sentimentos, consegue captar a essência do real visível, pelo registro do olhar em movimento, e invisível, pela percepção que o artista tem desse real. Nessa emoção é assinalado o sentido da imagem do Pantanal. Taunay desconhecia a totalidade da geografia mato-grossense. Tudo para ele se resumia numa região fartamente inundada por “corixos a dar nado, impossibilitando

totalmente a marcha da expedição acompanhada por bagagem e viaturas de artilharia” (p. 10). Contudo sua concepção plástica e paisagística media o lado obscuro e desconhecido da natureza com o selvagem e o primitivo. Daí resultar um “brasileirismo misto de entusiasmo plástico e consciência dos problemas econômicos e sociais, alguns dos quais abordou com bom senso e eficiência”, como diz Antonio Candido (1997, vol. 2, p. 276).

Como viajante Taunay utiliza-se da pena como um pincel, lembrando muito o estilo dos relatos científico-literários dos naturalistas. Adotando esses preceitos viaja entre o cenário da guerra e o da natureza brasileira. Por ele é tocado tão profunda e densamente, como diz nas *Memórias* (Taunay, 1948), seu espírito transforma-se a partir da experiência da viagem em terras tão distantes e inóspitas. Conseqüentemente sua obra se constituirá de essências: do natural dos sertões, da herança familiar de artistas renomados² e do olhar múltiplo que reúne ciência, arte e literatura, por influência de viajantes naturalistas, principalmente o alemão Alexander von Humboldt, que fez escola na linhagem dos relatos de viagem.

Particularmente ligado às questões do Império brasileiro, que buscava criar representações para imprimir certo tipo de *memória oficial*, Taunay produz imagens fundantes para interpretar a natureza do interior brasileiro, não como fenômeno natural, mas como elemento da cultura e da história do povo ou emblema da nação. Ao lado da realeza, para a qual cumpria tarefa de relator oficial, a natureza constitui pretexto para a elaboração de uma narrativa componente do cenário de uma região e da idéia de nação.

Como curioso das coisas do Brasil Taunay viaja, observa e analisa para depois anotar em cadernetas de campo e álbuns de desenhos, pois a paisagem surge não só como elemento de contemplação, mas de experiência vivencial. A guerra constituiu o motivo, mas Taunay deixando-se tomar pelo senso estético, utiliza-se dos registros para criar uma ficção “aparentemente memorialística” (ALAMBERT, 2001, p. 219), de estrutura plástica com personagens selvagens e

² Visconde de Taunay é herdeiro do espírito artístico dos renomados franceses que fundaram a Escola de Belas Artes, no Rio de Janeiro em 1816 (cf. a obra de Afonso de E. Taunay, *A Missão Artística de 1816* (1983).

guerreiras, como n'A *retirada da Laguna*. A obra problematiza os conflitos da formação das nacionalidades na América Latina, expondo a visão do *civilizador* Taunay, primeiramente para o público europeu (a primeira versão foi escrita em francês), depois para o brasileiro (idem, ibidem).

Desta forma, Taunay imprime uma visão acabada da paisagem que se impõe entre duas concepções: da descrição do real posta pelo diarista e da postura idealizada, necessária à proposta de representação nacional. Não há propósito apenas de reproduzir, mas de fazer conforme um *modelo*; de certa forma, visão ancorada na tradição clássica³. Seu objetivo não é trazer o novo, mas recriar a tradição a partir do conhecimento do local observado e vivido, definindo o *caráter* próprio da paisagem⁴ e da visão do conflito de fronteira. Desta forma, à *missão* do viajante agregam-se questões do nacional e da imagem a serviço de um ideário. Estilo que funda o estético-literário do pensamento romântico, criando imagens que contribuem para interpretar o Brasil no período de constituição do sentido de Nação.

O conflito e os resultados da guerra encontram-se emoldurados nos elementos constitutivos da natureza, da ação militar (e suas desastrosas conseqüências) e das inter-relações culturais que permearam a noção de *civilização* e *barbárie* na segunda metade do século XIX.

A capacidade de interpretar tipos e pintar cenas faz de Taunay um dos mais fecundos escritores brasileiros do século XIX, quando utiliza-se da experiência imediata para conferir transcendência à arte.

Se à viagem une-se o sentido de mobilidade, de ocupação de espaços, de construção de imagens e, dentre outras variáveis, de registro do vivido e do observado, concebêmo-la a partir da relação do viajante com o seu tempo nas mais diversas percepções do mundo. Percorrer as acepções dessas narrativas que se apresentam como um mosaico de alternativas para se pensar o Brasil e a

³ Taunay estaria vinculado, como os membros da sua família, ao pintor neoclássico David, cuja obra é "pensada" no conjunto das particularidades e não do retrato coletivo (sobre David, cf. Starobinsky, 1988, p. 73-74).

⁴ Nesse aspecto ver Resumo da "História Literária do Brasil", de Ferdinand Denis. In: Guilhermino César (1978), que propõe a desvinculação da literatura brasileira e a criação de uma estética própria

América possibilita deparar com questões que dimensionam o próprio conceito de viagem, de viajante e de relatos de viagem, preocupação que subjazem a esta investigação.

Meu argumento é, portanto, que a viagem e o diário sistematizam a narrativa e constrói um projeto que acompanha o ideário de época, provocando amadurecimento da consciência naturalista e do modo de significar das sociedades que transformam as relações entre a história e a ciência. Quaisquer que sejam os conceitos trabalhados na direção de compreender o movimento da escrita e da relação cultural resultante desse processo de conhecimento percebe-se o narrador que emerge do seu tempo. Nas diferenciadas formas de percepção do mundo afina o olhar e os sentidos para os novos paradigmas que posteriormente foram traçados pelo século XX, quando a multifacetada questão do gênero ultrapassa o registro do viajante e ganha dimensão de literatura e de arte, como acontece na obra, dentre outros, de Euclides da Cunha e Mário de Andrade, mas esta é outra questão.

Referências Bibliográficas

- ALAMBERT, Francisco. "Literatura e política no Visconde de Taunay". In: ALMEIDA, Ângela Mendes et al (orgs.). *De sertões, desertos e espaços incivilizados*. Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2001 (219-228).
- CANDIDO, Antonio [1957]. *Formação da literatura brasileira*. Vol 2. 8 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente: o pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade/Kosmos, 1999.
- DENIS, Ferdinand. "Resumo da História Literária do Brasil". In: *Historiadores e críticos do Romantismo: a contribuição européia, crítica e história literária*. Seleção e apresentação de Guilhermino César. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. USP, 1978.

GUILHERMINO CÉSAR. *Historiadores e críticos do Romantismo: a contribuição européia: crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da USP, 1978.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Rio de Janeiro, Estudos Históricos, Vol. 2, N. 3, 1989 (200-12).

STAROBINSKY, Jean. *1789: os emblemas da razão*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

TAUNAY, Affonso d'escragnolle. *A Missão Artística de 1816*. Brasília: UNB, 1983.

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle [1867]. *Relatório da Comissão de Engenheiros junto às forças em expedição para a Província de Mato Grosso – 1865-1866*, Rio de Janeiro: Garnier, 1874.

_____. [1868]. *Scenas de viagem: exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda. Memoria descritiva*. Rio de Janeiro: Typographia Americana.

_____. [1868]. *A Retirada da Laguna*. Traduzida e organizada por Sérgio Medeiros. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.